

E um dia acontece

Mori Ponsowy

E um dia acontece

Mori Ponsowy

Tradução de **Fernanda Regaldo**

Nota da editora

Com o título de “Y un día sucede”, este texto foi publicado na *Revista Orsai* (Temporada 2, número 5), e está disponível em: <https://revistaorsai.com/y-un-dia-sucede/>. Na página da revista, está também disponível um áudio no qual a autora lê seu artigo em espanhol. Agradecemos à autora pela autorização para publicá-lo.

Quero escrever sobre a minha mãe. Sobre a morte da minha mãe. E fico com vergonha. Sinto que fazê-lo é, de certa forma, obsceno. Como se morrer – ou escrever sobre a morte – fosse de mau gosto. Talvez ela não gostasse que eu escrevesse sobre isto. “Isto”: a morte dela. Odiaria saber que escrevo sobre ela durante esse trânsito, em vez de lembrá-la em todo o seu esplendor. Mas eu lembro da sua morte. Todos os anos em que estive morrendo. Essa agonia inesgotável. Lembro mais da sua morte que da sua vida.

Desculpa, mamãe. Não quero te machucar.

Nunca quis machucá-la. Quis salvá-la. Mesmo quando eu era criança, queria salvá-la.

Você está com frio, mamãe? Gostou das flores que eu trouxe? Como gostaria que me lembrasse de você? O que quer que eu conte? As coisas que nos faziam rir? Posso contar como você cuspiu de brincadeira no vinho da sua taça quando ele era o último gole da garrafa e o papai queria tomá-lo de você? Eu gostava de quando vocês brigavam assim, de mentira. Posso contar o que você só me contou anos depois, que, quando os convidados iam embora e você levava os pratos para a cozinha, você bebia o resto de vinho de todas as taças, porque achava um desperdício jogar fora? Não, mãe, ninguém vai pensar que você era uma bêbada. Você era engraçada. Sabe o que me deixa envergonhada? Usar os verbos no passado.

Você consegue me ouvir?

E você era... como aceitar o pretérito imperfeito? Se durante a minha vida toda você esteve no presente, como vou aprender, de repente – embora tenham se passado oito meses –, como vou aprender que agora, neste presente, preciso conjugar minha mãe em outro tempo? Onde quer que você esteja, eu gostaria de te escrever sempre no presente. Neste presente em que eu queria te abraçar, te pedir desculpa, te beijar, te dar calor. Deve ser frio aí, onde o sol nunca chega.

Elegante. É isso que quero dizer. E linda. Sempre vestida com sapatos e bolsa combinando. Sempre arrumada. Tão feminina. Isso ela vai gostar que eu conte. E também que cada blusa ficava guardada bem dobrada num saco fininho de plástico transparente. E os sapatos em suas respectivas caixas, com uma anotação do lado de fora em marcador grosso indicando quais eram. E as camisetas guardadas de acordo com a cor. Na caixa de costura: os botões grandes em um potinho, os médios em outro. E tudo em casa sempre imaculado, com aquele cheiro de limpeza, fresco, com aquela ordem perfeita que invariavelmente me escapa desde que terminei a escola e fui embora.

Você se lembra de quando veio me visitar – naquela época você já usava andador – e quis subir a escada para ver o meu quarto? Cada degrau era um cume. Você ficava esgotada depois de cada um, como se tivesse vindo correndo de muito longe. Mas você era (espero que ainda seja, onde quer que esteja) forte: você tinha (você ainda tem, Mãe?) uma vontade inabalável. E daquela vez, na minha casa, você subiu, é claro. E o meu quarto te pareceu bom: estava arrumado. E você quis olhar dentro do armário, e eu achava que ele estava perfeito, mas não. Que horror, você disse. Como! Por quê?, eu disse. Os cabides, Mori. Qual o problema com os cabides? Eles têm que ser da mesma cor. Não tenho todos na mesma cor! Então pelo menos que os de uma cor fiquem juntos em cima, e os da outra juntos embaixo. Você se sentou na cama e foi me dizendo como fazer. Calças, embaixo. Blusas e vestidos, em cima. Ficou lindíssimo.

Prometo que assim que terminar de escrever isto vou ordenar os cabides do jeito que você me ensinou.

Acho que aquela foi a última vez que ela veio à minha casa. Depois chegou a época em que ela só saía do quarto uma vez por semana: aos domingos, quando eu ia visitá-los. Quando ela saía e notava que alguma coisa estava fora do lugar, que alguma planta estava murchando, ela respirava fundo e fechava os olhos. Era a casa dela, e as coisas não estavam como antes. Quando terminarmos de almoçar vou regar as plantas, Mãe, não se preocupe. Ela apertava a minha mão. Seu silêncio sempre disse muito mais do que as palavras. Como pude ir somente aos domingos? Por que não fui mais? É que foram anos. E eu

tinha as minhas coisas... Ela descia e comíamos os três juntos na cozinha. Descer não era tão difícil. O difícil era subir. Quanto tempo demorávamos para subir depois de comer? Me dava pavor. E ela dizia: *odeio ir tão devagar, eu que sempre fui apressada*. Como se estivesse com raiva de si mesma. Ou melhor, do seu corpo. Vivemos em uma dimensão e nossos corpos em outra. Não somos a mesma coisa, embora seja quase impossível dizer o que somos. De qualquer forma, não somos uma caixa de sapatos com o que está dentro escrito com marcador. Eu sentia medo. Pensava que ela podia desabar em qualquer degrau. Ficava muito triste. Vê-la assim, tão pequena, tão curvada, encostada em mim, fazendo aquele esforço sobre-humano para subir.

Você consegue me ouvir, Mãe? Consegue me ver? Você sabe o que eu faço todo dia?

*

Uma vez, muitos anos antes de você partir, eu te perguntei: *mamãe, você tem medo de morrer?* Como foi difícil fazer essa pergunta. Você gostava de falar sobre o tempo, o jardim, as flores, o papai, o Mati. Nós duas estávamos no carro. Você estava dirigindo. Rápido, como você sempre dirigiu. Seguíamos em silêncio e criei coragem. Precisava saber. Você estava saudável, ainda. Não havia uma razão específica para perguntar isso, mas eu queria me aproximar. Saber como era ter setenta e cinco anos. Como era se dar conta de que, independentemente de quanto tempo te restasse, nunca seria muito. Cinco anos? Dez? Eu não penso nessas coisas, você respondeu. Quem pensa nisso é seu pai e você. Vocês são mais complicados. Assunto encerrado. Nunca mais perguntei. Mas anos depois, quando já faltava pouco, quando você já não conseguia andar nem se levantar da cama, quando você mal conseguia falar, você estava tremendo, Mãe, e não era de frio. Não sei por que era. Você tinha parado de comer fazia cinco dias. Fazia três que você não bebia água. Eu contava com terror. Suas mãos, seus braços tremiam, Mãe, eles não conseguiam ficar parados. O tremor vinha de dentro. Me desculpe por te contar isto. Eu agarrei as suas mãos. Estavam frias. Te beijei. E você me olhou com seus olhos nublados. Estou muito angustiada, você me disse, num sussurro. Seu olhar era uma súplica. O que você estava me pedindo? Você estava respondendo à pergunta que eu fiz tantos anos atrás? Eu te amo muito, respondi. Estou aqui. Estarei com você o tempo todo, respondi. Como se a minha presença ali pudesse facilitar a passagem dela.

Mamãe, me desculpa. O que eu posso fazer por você?

Nas últimas semanas, quase todas as perguntas que eu fazia à médica ficavam sem resposta. Por que ela está com febre? Por que ela não acorda? Eu ficava envergonhada por falar dela na terceira pessoa quando ela estava ali, escutando. Sabia que ela conseguia escutar, embora tivesse deixado de falar. Por que na terceira? A língua é impiedosa. Agora entendo que existam línguas sem tempos verbais e sem pessoas. Se a mecânica quântica estiver certa, se passado, presente e futuro existirem simultaneamente, teríamos que repensar nossa gramática. De acordo com essa quântica que eu não entendo, ela está aqui. O que eu não sei é onde, nem como, nem quando voltarei a vê-la. Mas, se a mecânica quântica estiver certa, agora mesmo estamos nos vendo em algum lugar. Vamos de mãos dadas ao supermercado. Estamos em Lima. Ainda não comecei a frequentar a escola. Tenho quatro anos. Uma mulher indígena está sentada na calçada, vendendo ovos frescos. Minha mãe compra uma dúzia. A mulher embrulha os ovos num jornal e, como toda semana, me dá o décimo terceiro de presente: um pequenininho. Parece de brinquedo. Eu gostava de andar de mãos dadas com ela na rua. Pretérito imperfeito. Ainda gostaria de andar de mãos dadas com ela. Futuro do pretérito. *Sempre vou gostar de andar de mãos dadas com você, Mãe.* Futuro quântico.

Eu queria limpar o corpo dela quando ela parasse de respirar. Tinha imaginado como fazer isso. Tinha anotado uma oração que eu planejava dizer naquele momento. Talvez tenha escrito algum verso. Eu o relia de vez em quando para não tê-lo esquecido quando chegasse o dia. Sabia onde estava a toalha branca com a qual a lavaria e a outra, também branca, muito macia, com a qual a secaria. Enquanto fizesse isso, eu falaria com ela para que não sentisse medo. Para estar ao lado dela nesse trânsito. Não é que eu acredite numa vida além desta. Ela também não acreditava. Eu acredito – disso eu tenho quase certeza – que, mesmo que o coração pare de bater e o corpo pare de respirar, o cérebro vai se desligando aos poucos. Esse universo de neurônios não se extingue imediatamente. Ele continua ativo por algum tempo, embora possa ser uma atividade mais lenta e não consigamos registrá-la, nem saibamos exatamente o que se sente, o que se pensa, o que se ouve naquele momento. E eu queria acompanhá-la. Estar com ela. Não deixá-la sozinha. Colocar nela um vestido de que ela gostasse. Pentear o cabelo dela. *Eu queria que você ficasse linda, Mãe. Te honrar.*

Como você gostava de dirigir e ultrapassar os outros carros! Você dizia que o papai ia muito devagar, ficava mostrando para ele por qual pista passar, você se lembra? E como você lamentou que não te deixassem mais dirigir depois do AVC. *Só afetou a minha fala, nós moramos longe, por que não posso dirigir? Agora eu dependo dos outros*, você dizia. *Não posso ir sozinha ao cinema. Nem comprar uma calcinha. Estou presa aqui.*

Isso quando ela ainda caminhava sem andador. Isso antes de todas as coisas que aconteceram com ela depois.

Quem sabe sempre quisemos falar sobre assuntos diferentes. Eu queria que ela conversasse comigo sobre o que ela guardava calada. Achava que isso era o mais importante. O que doía nela. Eu queria ajudá-la a suportar essa dor. Ela cuidava do jardim.

Sempre quis salvá-la.

“E um dia acontece: exatamente o que você temeu a vida toda, exatamente isso.” Um verso de Marie Howe.

Em algum momento depois da minha infância e antes da adolescência, comecei a ter medo de que ela morresse no meio da noite. Não sei como isso começou. Nem por quê. Nem exatamente quando. Por algum motivo, era algo que não podia acontecer durante o dia, mas a possibilidade de eu acordar uma manhã e ela não estar mais lá me tirava o sono. Eu chorava em antecipação. Não podia imaginar a vida sem ela. Como suportar a tristeza de perdê-la? Era algo que não podia acontecer de forma alguma. Então, depois de alguns meses daquela angústia noturna, encontrei uma solução. Quando ela vinha se despedir, eu dizia: “Até amanhã.” Era uma ordem. Funcionava como um feitiço. Minhas palavras a manteriam viva até a manhã seguinte. Claro: a condição para que o feitiço funcionasse era que essas palavras fossem as últimas palavras ditas à noite. Caso contrário, elas perderiam o efeito. Por isso, se ela dissesse “boa noite” e eu respondesse “até amanhã” e ela acrescentasse “durma bem”, eu era obrigada a dizer de novo: “Até amanhã.” A despedida às vezes se arrastava além da conta: eu dizendo o feitiço a cada vez que ela dizia algo mais; eu murmurando “até amanhã” do meu quarto quando escutava o meu pai falando no quarto deles. Nunca contei nada a ela.

O medo desapareceu. Até que, muitos anos depois, durante uma viagem, os bombeiros tiveram que tirá-la de um quarto de hotel. Ela tinha

setenta e seis. O medo desapareceu. Até que uma madrugada ela se levantou da cama e depois de poucos passos caiu e foi levada inconsciente ao hospital por uma ambulância. Setenta e sete. Meses depois ela teve um derrame pericárdico que comprimia o seu coração e que a deixou numa UTI cardiológica por uma semana. Aos setenta e oito, já anticoagulada e com o segundo marcapasso, ela caiu nas escadas de um teatro, quebrou o nariz, e pensamos que sangraria até a morte antes de chegar ao hospital. Quantas vezes pensamos que ela estava morrendo?

Não sabíamos que o pior ainda estava por vir.

*

Me perdoa. Eu sei que você não iria gostar – que você não gosta – que eu escreva sobre isto.

Tenho mensagens de voz suas no meu telefone. Às vezes abro o WhatsApp e as escuto. De três anos atrás. De dois. Sua voz. Aqui. Comigo.

Outro dia me queimei com uma panela de água fervendo. Eu ia escorrer o macarrão – sim, mãe, estou comendo bem; sim, eu também como carne, não é só macarrão – e ela caiu em cima de mim. A coxa direita ficou toda queimada. Coloquei Platsul – você me ensinou a tê-lo sempre na cozinha – e liguei para o médico.

Enquanto aplicava compressas de água fria, eu pensava: o que a mamãe vai dizer quando eu contar a ela?

A queimadura é de terceiro grau, Mãe. Já está sarando. Nos primeiros dias doía muito. Eu não conseguia andar. A carne viva. Supurando. A dor lancinante.

E então pensei: por quanto tempo ela teve que suportar uma dor dessas? Por quantos anos? Minha mãezinha.

*

Quando chove muito, com relâmpagos; quando a rua parece um rio; quando as árvores se curvam de um lado para o outro por causa do vento: *eu sinto vontade de te ligar. Você viu como está chovendo, Mãe? Só para te falar essa bobagem. Uma barbaridade, você diria.*

Onde você está?

Outro dia eu estava atravessando os trilhos do trem. A cancela já tinha descido, mas eu estava a pé e não vi o trem chegando de nenhum dos lados, então atravessei. E, enquanto eu atravessava, de repente pensei: tomara que

tenha olhado errado e o trem esteja vindo. A gente não decide pensar as coisas que pensa. Elas aparecem sozinhas, Mãe, não é culpa minha. Eu quero morrer assim: de repente. Não, não é que eu queira morrer agora, não se assuste. É que não teria me importado de morrer naquele dia, desde que acontecesse rápido. Que venha o trem e acabe com tudo de uma vez. Foi isso que pensei. Foi o que disse em voz alta.

Ninguém me escutou.

*

Ela trapaceava quando jogava truco. Assim como a mãe dela. Assim como eu.

Por que é que não jogamos truco juntos na cama durante os anos da sua doença?

Os feijões que usávamos para contar os pontos ficavam num pote de vidro marrom. Tinham vindo de Lima, aqueles feijões. Ainda devem estar lá. Passaram mais de trinta anos fechados naquele pote escuro.

Quanto pode durar a vida dormente de uma semente?

Se eu os plantar, talvez alguns brotem.

E o que eu ganho com isso?

Uma metáfora?

É isso que eu ganho?

*

Quando eu ia vê-la, a ajudava a tomar banho e a lavar os cabelos. No início, ela se levantava da cama e se agarrava ao andador até chegar ao banheiro. Depois, ela deixou de conseguir sair sozinha da cama: era preciso mover suas pernas inchadas, a pele esticada; colocar nela uma meia e depois a outra; uma pantufa e depois a outra; ajudá-la a ficar de pé. O caminho da cama até o banheiro demorava minutos. Ela arrastava os pés. Um passinho. Outro. Seu corpo pequeno. Às vezes, ela se olhava quando passava pelo espelho. Ela logo fechava os olhos e mexia a cabeça de um lado para o outro, devagar. No banheiro, eu abria a água quente para que houvesse vapor e ela não sentisse frio. Tirava a camisola dela. A calcinha. Ela se sentava num banquinho de plástico debaixo do chuveiro. *A água está fria, Mori. Agora está muito quente. Não, não, assim está muito fria. Obrigada, assim está boa. Agora está me queimando!* Eu a enrolava com uma toalha. A ajudava a sair do chuveiro. Passava creme em seu corpo todo. Ela me pedia para não deixar nenhuma umidade entre seus dedos dos pés. *Me desculpa, mamãe. Não sei o que fazer com isto.*

*

“Eu me casei com a mulher mais bonita de Buenos Aires”, meu pai costumava dizer. Ele ainda diz.

*

Às vezes desejei que essa agonia acabasse de uma vez. Que acabassem os sustos. Que acontecesse, enfim, o que iria acontecer de todo jeito. Aquilo que tanto temíamos.

Desejar isso: o que mais se teme.

Ir embora da casa dela era um alívio.

Queria que aquilo terminasse.

Eu ficava com a impressão de que não a amava. Uma frieza na alma, era isso que eu sentia. Anestesiada. Talvez eu seja uma má filha.

A quem eu peço desculpas?

*

Na primeira vez que ela passou dois dias sem acordar, voltei para casa tarde da noite desejando que ela morresse.

No dia seguinte me levantei bem cedo e fui vê-la. O coração embalsamado. O meu. Não sentia nada. Que tudo isso acabe. Já.

E, quando entrei em seu quarto, ela estava sentada na cama, acordada, tomando chá. Estava tão linda! Sorriu para mim como se tivesse acabado de trapacear nas cartas e só eu e ela soubéssemos. Toda iluminada. As bochechas cor-de-rosa. Em suas mãos, a xícara de chá. As cortinas abertas e, lá fora, o céu de inverno, sem nenhuma nuvem. Oi!, ela disse. Me senti tão feliz! Ela estava viva! Ela sorria! *Que alegria te ver, Mãe!* Ela tinha renascido mais uma vez. Sempre renascia.

Talvez sim, eu a amava? Se não amasse, não teria ficado tão feliz quando a vi sentada, sorrindo, com a xícara de chá.

*

Uma vez, quando eu ainda era adolescente, você me disse: Não importa o que você diga, eu sei que você me ama: não pode ser de outro jeito.

*

Sua roupa. Suas camisolas. Suas blusas de seda e os lenços mais lindos eu distribuí entre as minhas melhores amigas. Para cada uma o que achava que mais gostaria. Elas me mandam fotos: Caro com o suéter cor-de-rosa de lã do Peru; Merce com a jaqueta bordada; Helena num museu com o lenço branco com bolinhas pretas; Silvina com outro lenço, numa viagem; Inés, de camisola. Eu fiquei com os lenços menores. *Aqueles que você colocava no pescoço nos últimos meses, mesmo estando na cama. Encontrei eles dobrados, cada um em um saquinho. Eu os coloquei numa caixa branca. E, quando abro a caixa, sinto seu cheiro como se estivesse te abraçando.* Como se a minha mãe estivesse aqui, em casa, comigo. Seu cheiro, meses depois.

*

Se eu liguei para ela uma vez por dia durante trinta anos, quantas vezes terei ligado?

*

Me sinto culpada por não a visitar mais. Sempre me senti em falta por não ir vê-la com mais frequência quando ela estava viva e, agora que não está, continuo sentindo a mesma coisa. Ela deve se sentir sozinha lá, fechada num caixão, quatro metros abaixo da terra, sem poder se mexer, no escuro, sem ninguém para conversar. Ela deve querer pentear o cabelo.

Eu vivi dentro do corpo dela. Eu venho dela.

Como abandonar a minha mãe assim, desta maneira?

Carrego ela em mim.

*

Às vezes era uma perna que a impedia de andar. Outras, as costas. Outras, o quadril. Uma dor tão forte que mudar de posição na cama levava muito tempo. Não conseguíamos ajudá-la a se mexer porque ela também sentia dor quando a tocávamos. Foram anos de dores cotidianas. Havia semanas em que alguma parte do corpo dela coçava. Mudava a cada dia: o antebraço, uma coxa, os pés. Ela não podia se coçar porque estava com a pele tão fina que, se ela se coçasse, começaria a sangrar. Tinha que pingar gotinhas nos olhos várias vezes ao dia para que não secassem. Sempre tinha um lençinho de papel por perto porque o nariz dela escorria. Meu pai dizia a ela: Como você está linda, Petunia. Ele a

beijava nos lábios. Ela fechava os olhos, sem acreditar nele. Sem poder aceitar que aquele corpo, o dela, do qual ela sempre cuidou tanto, tinha se tornado estranho para ela.

*

Um ou dois meses antes de morrer, acordou uma manhã e se deu conta de que nada doía. *Hoje me sinto bem*, ela disse quando liguei. *Não posso me levantar nem fazer coisas, mas não estou sentindo dor. Que bom, Mãe!* Mas não dava para dizer que Deus, o destino ou o acaso lhe tivessem dado um pouco de paz; em troca da dor, veio a confusão: ela não sabia em que ano tinha nascido, se era noite ou dia, em que dia da semana estávamos. Ela, que sempre tinha dito que era cinco anos mais nova do que realmente era, de repente começou a acrescentar dois. Falta uma semana para o seu aniversário, Mãe! Siiim, ela disse, e seus olhos sorriram com aquela inocência que eu amava nela. Todos nós queríamos que ela chegasse lá: noventa e um anos sobre a Terra. Quando ela nasceu, vendiam gelo de porta em porta. Não existiam geladeiras elétricas. Nem mesmo estações de rádio. Quantos anos você vai fazer, Mãe? Noventa e três. Não, mãe! Como assim, você vai começar a acrescentar anos, a esta altura? Em que ano estamos?, ela me perguntou. Vamos ver se você se lembra, eu disse. Ela ficou pensando, olhando para mim como se procurasse uma âncora. Dois mil, ela disse. E então se corrigiu: estamos em dois mil e um ou dois mil e dois... Não sei. Estou um pouco confusa.

A dor foi embora e, com ela, levou o tempo. Como se a sensação de dor tivesse levado embora também uma parte da lucidez. Como se a dor tivesse atingido um patamar tão alto que o cérebro decidiu apagar essa região da sua consciência. Faltava uma semana para o aniversário dela.

De que adianta para ela que eu escreva tudo isto agora?

*

Ela adormecia no meio de uma oração. Ou às vezes nem dormia, e sim esquecia que tinha começado. Fechava os olhos e, quando os abria – ou quando acordava –, me dizia: Que bom que você dormiu aqui. Achava que era de manhã, mas era hora do jantar. Parecia uma menina. Uma menina que dizia que ia fazer noventa e três. De presente, me pediu um relógio. Grande, ela disse. Com números bem grandes para que eu consiga enxergar. Quero saber que horas são. Levamos o bolo de aniversário ao quarto dela. Ela bebeu vinho. Soprou as velinhas na cama.

*

Estou contando algo que não deveria. Algo que não a deixaria feliz. Que faço com isto que preciso contar?

Ela deve estar com a boca seca.

Será que algum dia ela vai me perdoar?

Esse frio, e eu a deixei ir embora de camisola. Descalça. Nem de meias ela está.

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha
Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira

Larissa Franco	Camila Lombardi Torres	Lucia Campos
Guilherme Gontijo Flores	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Rosa Cristina Vieira	Gonçalves da Costa	Pereira
Silvia Amelia Nogueira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Mayara Blasi	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Debora Salomao	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Valeska Alves-Brinkmann	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Rafael Camisassa	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Patrícia Mourão	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Karine Assis	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Lilian Jacoto	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Ana Martins Marques	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Elisa Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Michelle Santos Sena	Nadia Rodrigues	Aragon
de Oliveira	de Figueiredo	Rita Davis Cavalcanti
Aline Magalhães Pinto	Mariana Moura Cruz	Amir Brito Cadore
Julia Baumfeld Machado	Mariana Zani	Natalia Timerman
Joao Guimaraes	Julia Panadés	Rafael Souza de Oliveira
Julia Raiz do Nascimento	Felipe Chemicatti	Mariana Lage
Lia Baron	Larissa Lins	Ana Paula Silva de Assis
Paulo Andre	Nathalia Scherer	Flavia Andrade Mafra
Felipe Magalhães	Diogo Cronemberger	Luiz Eduardo Araripe
Joana Tavares Pinto	Renata Hesseler Kreutz	Pretti Miranda
Maria Leite Chiaretti	Carla Maia	Rita Aragão de Podestá
Flávia Drummond Naves	Pedro Rena Todeschi	Fabiano Campelo
Carolina Junqueira	Leila Danziger	Bechelany
Mônica de Aquino	Laura Krebs Alvares	Icaro Ferraz Vidal Junior
Roberta Carvalho	Suzana Teixeira	Júlia Lopes
Romagnoli	de Macedo	Isabela Cristina Coelho
Desirée Kinoshita Ribeiro de	Maria Rita Drummond Viana	Amano Carmo da Mota
Oliveira	Reuben da Rocha	Isaac Pinto Firmino
Tatiana Blass	Ana Rabello	Pedro Meira Monteiro
Marcella Prado	Fernanda Regaldo	
André Guimarães Brasil	Herbert Baioco	
Paula Oliveira	Olivia Loureiro Viana	

Caderno de Leituras n. 186 | 2025

E um dia acontece

Y un día sucede

Mori Ponsoway

Edição e preparação de texto

Maria Carolina Fenati

Tradução

Fernanda Regaldo

Revisão da tradução

Cecília Rocha

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Luísa Rabello

Coordenação da coleção

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, novembro de 2025

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com